

NOTÍCIAS DE



CAMPELO

ANO II N.º 24
MAIO DE 1964

Director e Editor
Manuel Luís

Propriedade
da Igreja Paroquial

Composição e Impressão
Gráfica de Coimbra

O REI DOS REIS

Na sexta-feira anterior à Páscoa do ano 30, um homem com os seus trinta anos morria crucificado, num madeiro como se fosse um malfeitor, vítima do povo que ele amara e pelo qual tinha feito os maiores milagres.

Parecia que tudo acabara, quando três dias mais tarde, conforme tinha prometido, saía do sepulcro, Deus poderoso rodeado de glória, Senhor do Universo.

Jesus derrotara a morte, o mundo, o pecado e o demónio.

O Senhor Jesus ressuscitado é o Rei do Universo. Tudo dele depende, e ele não depende de ninguém a não ser do Pai de quem realizou o plano: Reconduzir tudo a Cristo.

O mundo invisível dos anjos reconhece a sua realeza. Os mesmos espíritos infernais, na revolta do orgulho, lhe estão sujeitos. A sua Ressurreição destruiu o império de Satanás e, todos os dias a Igreja renova o fruto desta vitória.

Há dois mil anos, o Homem vencera a cruz, objecto do seu triunfo e todos os dias, novecentos milhões de cristãos reconhecem que Ele tem direito ao poder, às honras divinas.

Cristo é o primeiro em tudo. Princípio da criação, princípio da Redenção, o primeiro dos ressuscitados; Cabeça da Igreja, anima todo o imenso corpo de que somos membros. O Cristo é o centro de tudo, explica tudo, resume tudo e conhece o segredo de cada ser.

Festejamos hoje mais uma vez, o grande triunfo de Cristo e a maior vitória de toda a história e que se vem

repetindo desde há 2.000 anos: a sua Ressurreição.

Peslas praias do mar da Galileia
Ele tornou a passar...
E, sobre a rocha dura, sobre areia,
Voltou de novo a falar.

É Ele! Eis o Senhor!
No seu sorriso
No seu aspecto doce e imaculado
Há uma expressão da paz do paraíso
É Ele! Eis o Senhor ressuscitado.

É Ele! Não vês Pedro, André, Tiago e João.
É o Senhor a chamar-vos como outrora
Para a divina missão,
De levar Seu amor p'lo mundo fora.

Fiquem as redes, Pedro, André, Tiago e João,
A dormir, sobre a areia...
Há praias de mais dor, de maior aflição
Do que as praias do mar da Galileia...

Ainda a estrada Espinhal-Castanheira

Conserva a nossa memória, embora em vaga reminiscência de infância, notícia da passagem por Alge de um grupo de indivíduos ali desconhecidos, que fazia medições e observações e colocava aqui e além umas tabuinhas pintadas de verde que constituíam centro de interesse para toda a gente. Tratava-se das estacas que marcavam o traçado da parte que faltava para se concretizar a ligação da estrada Espinhal-Castanheira.

Entretanto vários anos se passaram — crescemos — e aprendemos a desconfiar. As estacas tombaram, sumiram-se de todo e a voz do povo fez-se ouvir: «Quando as galinhas tiverem dentes» teremos nós a estrada do Espinhal.

Quase envelhecemos, e a nossa esperança cada vez mais esfumada ia morrendo de todo, quando o assunto, de importância magna

para dezenas de povoações, voltou a ser ventilado.

A propósito, um diário lisboeta inseria há tempos um pensamento de Emílio de Navarro, antigo titular da Pasta das Obras Públicas: «As estradas são como os factos — ou não são precisas e não se mandam fazer ou são precisas e é inexplicável ficarem por acabar».

Ora parece-nos que já se demonstrou, várias vezes e largamente, que esta estrada que ficou por acabar, é das muitíssimo precisas para o desenvolvimento económico e turístico duma vasta região que se estende pelas encostas do sul da alcantilada e majestosa Serra da Lousã.

Posto isto que é uma verdade irrefutável e considerando que tanto se tem feito por este país aquém e além-mar, ocorre-nos perguntar que espécie de monstro ou de feitiço se terá instalado so-

bre a Ribeira de Alge, tão robusto e tão patudo, que assim consegue há várias décadas, manter sem se ligarem, dois troços duma estrada que quase se estão espreitando, em duas encostas diferentes da mesma serra.

Esperemos que o actual e muito ilustre Ministro das Obras Públicas faça desvendar o mistério e mande quebrar as amarras que prendem a construção duns escassos quilómetros de estrada, cuja necessidade é premente e absoluta.

Oxalá a nossa esperança, agora robustecida, não volte a cair de novo na sombra da debilidade.

Oxalá não fiquemos à espera «até que as galinhas tenham dentes».

Lisboa, Abril de 1964.

Dr.ª Olinda Alves de Oliveira

BOLETIM DA FAMÍLIA PAROQUIAL DE CAMPELO

VISITAS

Tivemos o prazer de cumprimentar nesta freguesia os nossos dedicados assinantes e amigos, srs.: Manuel Mendes e esposa, Aurelindo Neto Lopes, esposa e filhinho, Manuel da Conceição Martins, Joaquim Angelo, Armando Ferreira Lourenço, Dr. Adriano Seabra Cancela, distinto advogado em Lisboa, afamado pescador desportista e grande amigo da nossa freguesia, Alberto Garcia de Almeida, Manuel Francisco dos Santos Reis, Mário Duarte Ferreira, José Rodrigues dos Santos, Manuel António dos Santos, distinto Director de Finanças em Beja, Manuel Lourenço Júnior e esposa, Vasco Pereira Simões, Virgílio das Dores Abreus, Pio Augusto Lucas, Vitor Pedro Leitão, Manuel Martins Nunes, distinto Policia de Viação e Trânsito, que se fazia acompanhar de sua dedicada esposa, filhinhos e seu sobrinho Carlos Manuel Martins Alves, distinto aluno da Força Aérea, filho do sr. Roberto Alves, nosso dedicado amigo e assinante, e a sr.^a D. Virgínia Alves Martins, residentes em Luanda, José Simões dos Santos, esposa e filha, Teófilo de Jesus Martinho, esposa e filha e Eduardo Carvalho Rosinha, Vitor dos Santos Vaz, Casimiro Tavares de Campos, esposa e filhas, professor José Lucas Simões Pedro, esposa e filhos, Casimiro Martinho Simões, Artur das Neves, esposa e filha, Augusto de Carvalho, José dos Santos Rodrigues, Manuel Simões.

FESTAS

Decorreram com muito brilho e grande afluência de fiéis as festas de Nossa Senhora do Pranto e de Nossa Senhora da Graça, realizadas, respectivamente em Vilas de Pedro e Campelo, nos dias 5 e 12 de Abril.

BAPTIZADOS

Realizaram-se nesta igreja paroquial de Campelo os seguintes baptizados:

No dia 15 de Março, Virgílio Abreu Godinho, filho de Rafael dos Santos Godinho e de Lucinda das Dores Abreu, do Vale do Salgueiro, tendo sido padrinho o sr. Virgílio das Dores Abreu e madrinha a sr.^a Isilda dos Santos Abreu.

— No dia 29 de Março, Joa-

quim da Graça Godinho, filho de Albino dos Santos Godinho e de Rosalina da Graça Carvalho, do Vale do Salgueiro, sendo padrinho Joaquim dos Santos Godinho, residente em Santos (Brasil) e representado por seu pai, sr. Anselmo Godinho e madrinha a sr.^a D. Deonilde da Piedade Graça.

— No dia 6 de Abril, Aurélio Duarte Henriques Calçada, filho de Manuel Henriques Calçada e de Maria dos Santos Duarte, do Fontão Fundeiro, sendo padrinho o sr. José Nunes dos Santos e madrinha a menina Cidalina dos Santos Duarte.

FALECIMENTOS

No dia 3 de Abril, faleceu em Campelo a sr.^a Maria Emília Rosa, de 81 anos de idade, viúva de Manuel Domingos Rosa.

— Também no dia 22 de Abril, faleceu na Ribeira Velha a sr.^a Carminda da Conceição Mendes, de 72 anos de idade e casada com o sr. Albino Pereira.

Senhoras dotadas de grande bondade eram muito consideradas e estimadas, por isso os seus funerais foram muito concorridos e

constituíram verdadeiras manifestações de pesar.

Paz às suas almas e sentidos pêsames às suas famílias.

PRESIDENTE DA CAMARA

Foi reconduzido no cargo de Presidente da Câmara o sr. Dr. Henrique Vaz Lacerda, que, pelo seu apurmo irrepreensível e pelo seu dinamismo em prol do progresso do nosso concelho, tem sabido impor-se à estima e consideração de todos os munícipes.

MÊS DE MARIA

Durante o corrente mês realizar-se-á nesta igreja e nas 6 capelas da freguesia, a devoção do Mês de Maria.

PESCA DESPORTIVA

Campelo tem sido muito visitado por pescadores desportistas das afamadas trutas.

CARRO DE PRAÇA

O sr. Aníbal Pereira Marques, do Fontão, já tem à disposição dos seus clientes um carro de praça.

• *Fez-se sentir em todo o país no dia 15 de Março, um forte tremor de terra, que causou grande pânico e incalculáveis prejuízos especialmente no sul da Nação.*

• *Sua Santidade o Papa Paulo VI enviou 3 mil dólares (cerca de 90 contos) e a sua bênção aos sinistrados açorianos, nomeadamente da ilha de S. Jorge. Com este gesto paternal o Sumo Pontífice, manifesta a sua profunda dor à vítimas dos sismos.*

• **BRAGA** — *A tomada de posse da Arquidiocese do novo Arcebispo, Sr. D. Francisco Maria da Silva, revestiu-se duma solenidade nunca esperada.*

• **FIGUEIRÓ DOS VINHOS** — *O sr. Manuel João, natural do*

Brejo (Arega), internado no hospital desta vila, por alturas do Carnaval, de regresso do mercado dos Cabaços para a Arega, onde fora visitar a família, recuperou o uso da fala que perdera há 6 ano, após repetidos ataques de que fora acometido.

• *A igreja paroquial de Candosa (Tábua), que há muito ameaçava ruína, desabou há duas semanas. Graças a Deus que não se registaram desastres pessoais; poucas horas antes o templo tinha estado repleto de fiéis e vários sacerdotes.*

• *Nas veias do marechal Humberto Castelo Branco, novo presidente da República do Brasil, corre sangue português. É descendente do conde de Pombeiro, que em 1693 se instalou no Brasil.*

AMIGOS DO

«NOTÍCIAS»

Joaquim Angelo, das Pardieiras, 10\$00; Joaquim dos Santos Mendes, do Fontão Fundeiro, 10\$00; D. Ester Rodrigues Ribeiro Lopes, de Pero Pinheiro, 10\$00; José João, das Bajoucas Fundeiras, 10\$00; João Simões Júnior, de Vila Facaia, 10\$00; José Martins, de Lisboa, 20\$00; João Ferreira Novo, do Torgal, 10\$00; Manuel Mendes, de Lisboa, 10\$00; Joaquim Simões Nunes, de Lisboa, 10\$00; António Mendes, Lisboa, 10\$00; Anselmo Godinho, do Vale do Salgueiro, 10\$00; Joaquim Francisco dos Santos, de Rio Maior, 20\$00; Augusto de Carvalho, da Ribeira Velha, 10\$; Jorge Domingos Rodrigues Valte-lhas, de Almada, 10\$00; José Simões Pereira, de Campelo, 10\$00; Américo da Silva Quaresma, da Figueira da Foz, 10\$00; Joaquim Ferreira Duarte, Amadora, 10\$00; Aurora dos Santos Martins, Trespastos, 10\$00; Manuel Nunes Ventura de Matos, de Alferrarede, 20\$00; Aníbal da Costa Angelo, de Vilas de Pedro, 10\$00; Porfírio dos Santos Coelho, da Ponte Fundeira, 10\$00; José dos Santos Rodrigues, de Lisboa, 25\$00; Etelvino Fernandes de Jesus Cartaxo, 10\$00; João Tavares, de Alge, 10\$00; António Carvalho Rosinha, de Lisboa, 10\$00; D. Maria Adelina Varandas, de Lisboa, 10\$00; Manuel Pedro, de Vilas de Pedro, 10\$00; Dr. Adriano Seabra Cancela, Lisboa, 100\$00; Manuel Simões, Lisboa, 10\$00; José Henriques, de Moita do Norte, 10\$00; António dos Santos, da Póvoa, 10\$00; Manuel da Conceição Rodrigues, de Vilas de Pedro, 10\$00; Dr. Euclides Henriques dos Santos, da Lousã, 10\$00; José Henriques de Campos, de Lisboa, 10\$00; Joaquim Lucas Carriço, do Pego, 10\$00; António Lucas Carriço, das Molhas, 10\$00; Joaquim Alves Varandas, de Lisboa, 10\$00; Belmiro de Abreu Tomás, de Alge, 10\$00; Norberto dos Santos, do Pé de Janeiro, 10\$00; Aurélio dos Santos Tomás, de Vila Nova de Ourém, 10\$00; Armindo Simões Costa, da Portela, 10\$00; Manuel Lourenço Júnior, Sacavém, 10\$00; José Coelho, de Campelinho, 10\$; Artur das Neves, de Lisboa, 20\$; Raul Alves, do Singral, 10\$00; Evaristo da Conceição Loja, de Queluz, 15\$00; Herculano da Conceição Loja, de Olhão, 15\$00; Relvas e Santos, de Campelo, 15\$00.

A todos, os nossos maiores e mais sinceros agradecimentos.

CONVERSA NA ALDEIA



O ZEFERINO E O LUCAS

— Ora Nosso Senhor nos dê muito boas tardes, compadre Zeferino!

— Viva, meu Amigo! então está melhor?

— Pouco melhor! isto só passa a poder de tempo... e é se passar!

— O homem!... não desanime! você não sabe que esta vida é mesmo assim?!... uns dias a rir, outros a chorar!

— Pois eu vim cá mais depressa para não esquecer que o compadre prometeu contar-me uma história a respeito da conversa da semana passada, e não a contou por ser já um bocado tarde!

— O homem, já nem me lembro da conversa da semana passada!

— Então não se lembra que foi a propósito daquelas lérias do Sanguessuga que não quer saber de leis de jejum e abstinência?... e que dizia que comia carne quando lhe apetecesse e que a Igreja e os padres não têm nada com isso?

— É verdade!... já me lembro!... e a história... ora espere!... ah!... já sei!... ela aí vai!... Pois, meu compadre e amigo, há certa gente que não se contenta em não cumprir as leis, mas ainda mostram aqueles que as cumprem, e isto ainda é pior! Foi o que aconteceu em certo restaurante: estavam dois sujeitos sentados a uma mesa, quando entra um cavalheiro; era uma sexta-feira de quaresma. O cavalheiro entrou e disse à criada de mesa: Faça favor de me trazer o almoço, mas não

quero carne nem comida temperada com carne, porque hoje é dia de abstinência.

Os dois sujeitos que estavam à mesa, olharam um pro outro e começaram a rir-se e a zombar do outro. Depois, ainda mordiscavam na religião, chamavam beato — e fanático ao cavalheiro que guardava abstinência, e estava sentado à mesa na frente deles. Porém, ele nunca disse nada. Comeu uma posta de pescada com batatas, bebeu uma pinga, e ia ouvindo as críticas dos outros. A uma certa altura, disse à criada: — traga de lá um bife! Os dois espertalhões começaram a pensar que tinham feito uma conquista, e disseram: — Pois assim é que é!... Muito bem!... Entretanto a criada aparece com um grande bife, pousou-o na frente do cliente, e foi-se embora. Quando os dois atrevidos esperavam o desfecho, o cavalheiro dá um assobio, e aparece logo ali um grande cão; nisto, coloca o prato com o bife no chão, e diz para o cão: — Toma lá!... é para ti, que não és obrigado a guardar abstinência!... quando viram isto, os dois figuras levantaram-se e foram-se embora envergonhados!... com aquela roda de senhoria que lhe deu o cavalheiro que chegou para eles!

— Ah! valente!... aquele é que é dos meus!... hein!...

— Pois leve lá esta e conte-a àquele traste do Sanguessuga, que é para ele não dizer mal das leis nem de quem as cumpre!

— Pode estar certo que lhe hei-de pregar com esta história nas ventas, mesmo que não venha a talho de foice!... ó compadre, agradeço-lhe muito esta história!... afinal eu vinha para falar noutro assunto mas custa-me a estar a maçar o meu compadre.

— O homem, se não é coisa de muita demora, diga lá!

— É o caso que se deu lá no lugar e eu não concordo lá muito bem com aquilo.

— Então o que foi?

— Foi a mulher do Violas... a Dóninha!... o compadre conhece-a!

— Conheço!... então o que foi?

— Pois essa sujeita foi apanhada a roubar lenha, e o dono da lenha fez uma participação contra ela; foram chamados, a culpada e o queixoso, para ver se consertavam a questão, e o queixoso pediu duzentos escudos para pagamento da lenha, e ela não quis pagar!... é claro o queixoso não se ficou, e seguiu com o caso prá frente! O certo é que ela ficou condenada e tem de pagar custas, selos e lenha, edcetra,... o que vai para quinhentos escudos!

— Então,... e depois?

— Depois, ela manda o homem ter com a Junta de Freguesia para lhe passar um atestado de pobreza, que é para não pagar nada!... eu não concordo com isto!... assim, daqui a dois dias lá vai ela outra vez prá roubalheira, e, depois paga tudo com... um

atestado da Junta!... e que tal?... que lhe parece?

— Olhe, compadre, ninguém deve implicar, se lhe apanham uns cavacos, ou umas carumas nos pinhais, porque os pobres não podem queimar os pés, e têm o direito a aquecer-se, mas se vão roubar lenha grossa, ou cavacas, ou pinheiros, é bem feito fazer-lhe pagar tudo bem caro, para ver se se emendam... está a perceber?

— Estou, sim, compadre!

— E nestes casos, quando o ladrão ou ladra é pobre, se não pagar com dinheiro, pague com as costas na cadeia... senão, nunca mais nos vemos livres desta praga!... é esta a sentença cá do velho Zeferino!... salvo o devido respeito pela autoridade, porque até hoje, graças a Deus, nunca foi ó mocho por causa de roubar, ou de dizer mal da autoridade!... está a perceber?

— Perfeitamente!... e fico-lhe muito obrigado pela lição!

Adeus até qualquer dia!

— Adeus e passe muito bem!

(Do jornal «Luz»)

«Notícias de Campelo»

Por motivos imprevistos e alheios à nossa vontade não se publicou o «Notícias» em Março e Abril, do que pedimos muita desculpa aos nossos dedicados assinantes.

CARTA PARA O CÉU

Saúdo-te, com os olhos rasos de água,
Das lágrimas que choro, noite e dia;
Contigo, minha Mãe, foi-se a alegria,
Comigo só ficou a infinda mágoa.

Longe de ti não há contentamento,
Sem ti, fugiu à vida o atractivo.
Desde que tu partiste, eu já não vivo:
Foi-se contigo a alma, o sentimento.

Eu desfaleço ao peso desta cruz...
Faltam-me as forças, é talvez o fim,
Que tarda tanto, ó querida Cireneu,

Farol que me guiavas, minha luz,
Leva-me para ti, chama por mim,
Arranja-me um cantinho lá no Céu.

Coimbra, Fevereiro de 1964

J. FAVEIRO

Crónica da

Ao escrever estas palavras, que denominei de «crónica», não tenho pretensões a fazer nenhum tratado sobre religião; pretendo sim, relatar a forma como foi passada a Semana Maior, nesta terra que também é Portugal!

Devido ao pecado de Adão e Eva, o homem não se podia salvar. Mas Deus, todo Misericordioso, tinha prometido que enviaria um Salvador para resgatar o Mundo. Mandou o seu próprio Filho, que padeceu e morreu por nós na Cruz, para abrir ao homem as portas do Céu. Foi Cristo que com o seu sangue nos restituiu a vida da graça, nos permitiu, com o seu sacrifício, no Monte Calvário, a entrada no seio de Deus.

Estamos na Páscoa, é nesta data que a Igreja, depositária das verdades da Fé comemora a Paixão e morte de Cristo, lembrando aos fiéis que a vida não é só terrena, mas que se propaga para o além, para o eterno.

Também aqui (como em todo o mundo católico) se celebra a semana Maior ou seja a semana Santa, é claro que em muitas paróquias essas celebrações são solenizadas, aqui devido ao ambien-

Foi celebrada Missa às cinco horas da tarde, mas antes foi recebida oficialmente, uma imagem de Nossa Senhora de Fátima, oferecida a esta ilha pela Legião Portuguesa. Que ela nos abençoe e abençoe esta terra. Este dia foi escolhido para a Comunhão Pascal da Guarnição, estando por esse facto grande número de militares, que não quiseram deixar de cumprir este dever: «confessar-se e comungar ao menos uma vez cada ano, pela Páscoa da Ressurreição».

A seguir à Missa (que foi cam-pal devido à falta de espaço recolhido), organizou-se uma procissão com a imagem da Virgem, que percorreu algumas ruas da povoação. Toda a gente cantava e rezava.

É verdadeiramente reconfortante e consolador ver toda esta gente unida nos mesmos sentimentos religiosos e patrióticos.

Domingo de Páscoa, dia da Ressurreição do Senhor. Depois de dois dias de tristeza, surge este dia, que o alegre repicar dos sinos anuncia, lembrando que o Senhor ressuscitou ao fim do 3.º dia como havia anunciado.

A Missa deste dia realizou-se

Ilha do Sal

te e digamos, ao facto da capela ser pequena, fazem-se essas comemorações simples, mantendo contudo o mesmo significado.

No domingo de Ramos, realizou-se antes da Missa, a bênção e procissão dos Ramos. Esta, embora simples e pequena (foi em volta da capela), não deixou por isso, de nos fazer viver o ambiente litúrgico que ela representava: a entrada gloriosa de Cristo em Jerusalém. Com a capela repleta, tanto de militares como de civis, o pároco celebrou a Santa Missa; tendo sido, a mesma acompanhada a cânticos por toda a assembleia.

O nosso capelão formou, para estas cerimónias, um coro que é constituído por alguns militares (entre os quais eu) e por raparigas nativas. Os cânticos são acompanhados por órgão, tocado pelo nosso capelão.

Depois deste dia alegre, veio a quinta-feira Santa, dia em que o Senhor instituiu a Sagrada Eucaristia e o Sacerdócio, quando na última ceia, depois de tomar o pão, partiu-o dizendo: «Isto é o Meu Corpo, que vai ser dado por vós; fazei isto em memória de Mim. (S. Lucas 22, 19-20).

no mesmo local da de quinta-feira, ou seja no largo junto à capela e foi às 10 horas da manhã (hora local), à qual compareceram todas as companhias aquarteladas na ilha, com todas as praças em formatura, devidamente fardadas e armadas, as quais deram um certo colorido a esta festa, chamamos-lhe assim.

Presentes também, as autoridades civis e militares.

O povo associou-se, comparecendo em grande número. É indiscutível a forma como todos unidos nos mesmos sentimentos, cantavam e rezavam.

A todas estas cerimónias esteve presente o Ex.º Comandante militar, que no final da Missa de hoje dirigiu a palavra a todos os presentes, lembrando que todos somos portugueses e como tal temos de nos manter unidos, para que esta terra seja sempre portuguesa!

Ilha do Sal, Páscoa de 1964.

José da Conceição Barata
Salgueiro

1.º cabo radiot. n.º 3175/62



A TRISTEZA NÃO FAZ BEM

Um janota vê passar uma senhora trajando vestido verde, e diz-lhe:

— Tanta salsa para tão reles peixe!

— E tão pouco verde para tamanho asno! — respondeu ela.

A sogra: — O meu genro, esse infame que aí está, tentou envenenar-me com arsénio.

O genro: — É falso, sr. Juiz!

Juiz: — Prove.

O genro: — Façam-lhe a autópsia.

O Zequinha pede cinco tostões à mamã.

— Que fizeste aos que tinhas ontem?

— Dei-os a uma mulher pobre.

— Muito bem, meu filho, Toma outros.

E porquê te interessas tanto por essa mulher?

— Porque... vende rebuçados!

Uma menina pequena descreve a operação da apendicite a que se submeteu:

— Eles disseram-me que não me ia doer; depois, enfiaram-me uma agulha no braço e desapareceram!

Um africano de Cabinda resolveu vir a Lisboa, de avião, gastar umas economias e ver Portugal metropolitano.

Ao embarcar verificou-se que a bagagem pesava mais um quilo e disseram-lhe que teria de pagar esse excesso. Calou-se, abriu a mala e comeu rapidamente um pacote de mil gramas de bolachas, dizendo satisfeito:

— Está remediado o mal.

A hora do almoço, Amílcar foi buscar o casaco que despira para trabalhar na oficina de sapataria, e reparou que nas costas tinham desenhado a giz uma cabeça de burro. Então volta-se para os colegas e diz:

— Olá, rapazes, qual de vocês é que limpou a cara ao meu casaco?

Entre judeus:

— Você trouxe farnel?

— Só uma garrafa de vinho.

— E você?

— Eu trouxe uma língua seca.

— Foi uma boa ideia. Assim podemos dividir os nossos farnéis. E tirou a garrafa do vinho, e o outro bebeu até se regalar.

— Agora venha lá o que você aí tem.

— O que eu tenho?

— Sim. Então você não disse que tinha uma língua seca?

— Tinha-a seca, mas agora já a molhei!

Ambos com razão

Um homem lá ia de esquina em esquina, de candeeiro em candeeiro, até que foi de encontro a um polícia:

— Mas que é isto que nunca acaba?

Há dez anos que o vejo bêbado!

— Mas o sr. que tem com isso? Eu há dez anos que o vejo polícia... e calo-me...

ADIVINHA

Qual é coisa, qual é ela,
Sem asas caminha pelo ar;
Quando muito negra se torna
É certo pôr-se a chorar.

Solução da adivinha anterior:
Foguete.

«A mulher é a salvação ou a ruína da família. Tem os destinos do lar nas dobras do seu manto».